CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VIAGEM AO FIM DO MUDO
25 de novembro de 2026

ASNEOBICHAINIE PRIKLIUCHENIA MISTERA VESTA VBSTRANE BOLSHEVIKOV / 1924
"As Extraordinárias Aventuras de Mr. West no País dos Bolcheviques"

Um filme de Lev Kulechov

Argumento: Nikolai Aseyev / *Diretor de fotografia (35 mm preto & branco)*: Aleksandr Levitski / *Direcção artística*: Vsevolod Pudovkine / *Montagem*: Lev Kulechov / *Interpretação*: Porfiri Pobedev *(Mr. West)*, Boris Barnet *(o cowboy Djeddy)*, Aleksandra Kholklova *(a "condessa")*, G. Kharlampiev *(Senka Svich)*, Vsevolod Pudovkine *(Shba, "Bilhas")*, Leonid Obolenski *(o janota)*, Sergei Komarov *(o zarolho)*, Vera Lopatina *(Ellie, a americana)*, Piotr Galadzhev, S. Sletov, Viktor Latyshevski *(três bandidos)*, Andrei Gorchilin *(o polícia)*, Vladimir Fogel.

Produção: Goskino (Moscovo) / *Cópia*: do Gaumont Pathé Archives, DCP, mudo com intertítulos em russo, traduzidos electronicamente em português / *Duração*:76 minutos / *Estreia mundial*: 27 de Abril de 1924, na União Soviética / *Inédito comercialmente em Portugal*.

****

Acompanhamento ao piano por JOÃO PAULO ESTEVES DA SILVA

****

Lev Kulechov é uma das grandes figuras do cinema mudo soviético, que foi incontestavelmente um dos grandes momentos de toda a História do cinema e da arte da primeira metade do século XX de modo geral. Dos nomes mais célebres da escola soviética, Kulechov foi provavelmente o único a ter começado ainda no período czarista, como muito jovem cenógrafo da equipa de Evgueni Bauer, o mais reputado realizador russo anterior à revolução, com fama merecida como atestam os seus filmes que chegaram até nós. Em 1917, ainda antes da revolução e com apenas dezoito anos, Kulechov realizou o seu primeiro filme (**"O Projecto do Engenheiro Prite"**, que considerava *"o primeiro filme russo feito segundo as leis da montagem"*) e publicou os seus primeiros artigos teóricos. Depois da explosão revolucionária, realizou variadíssimas experiências num grupo que se chamou Colectivo Kulechov. Como observou numa entrevista de 1965 outro grande cineasta desta geração, Grigori Kozintsev: naquele período, em que fervilhavam ideias novas na União Soviética, *"ninguém se importava com o frio e a fome. A vida parecia maravilhosamente interessante e não havia dúvidas de que estávamos no começo de uma nova era, a era da arte"*. Kulechov trabalhou muito sobre a montagem, incluindo o celebérrimo *efeito Kulechov*, fez experiências a que chamou "filmes sem película", num momento de penúria absoluta e organizou um laboratório sobre o trabalho do ator de cinema. Certo dia, uma jovem candidata a atriz e um colega dela fizeram uma pequena paródia do seu trabalho. Kulechov achou o resultado divertidíssimo e a estudante, Aleksandra Kholklova, tornou-se sua mulher (é a falsa condessa de **As Aventuras de Mr. West**). Tudo isto se passava em meio a uma revolução e uma guerra civil, seguidas pela experiência da "nova política económica" (NEP), a qual também resultou numa série de filmes importantes.

No seu eternamente indispensável *Kino - A History of Russian and Soviet Film*, de 1960, livro que é um modelo de empenho e escrúpulo, Jay Leyda define o período 1924-25 do cinema soviético como o da "Juventude de uma Arte", porque no decorrer de 1924 todos os realizadores soviéticos que viriam a ter importância estrearam-se na realização. Esta observação pode ser completada por outra, de Kozintsev: *"Para mim, o que há de mais belo*

nos anos 20 é que a época era jovem e nós também; a nossa época estava contida em tudo o que fazíamos". Leyda explica que *"em Novembro de 1923, o recém-formado estúdio Goskino de Moscovo deu a Kulechov e ao seu grupo a oportunidade de mostrar do que eram capazes, confiando-lhes preciosas latas de filme virgem importado. Kulechov decidiu que uma comédia seria a melhor maneira de demonstrar publicamente o que tinham aprendido durante os seus três anos de trabalho"* e o resultado foi **"As Extraordinárias Aventuras de Mr. West no País dos Bolcheviques"**, feito por Kulechov com todos os seus discípulos. O filme foi distribuído em trinta e duas cópias, o que indica que teve êxito. Num texto publicado dois anos depois da realização do filme, Kulechov observou: *"com actores treinados num novo método, lançámo-nos pela primeira vez na produção. O estúdio mal abrira as portas e não havia adereços, nem técnicos. Tínhamos de fazer tudo sozinhos. Por que foi necessário fazer **Mr. West**? O filme tinha de ser feito para descobrir se tínhamos razão e para provar que as escolas de teatro eram insatisfatórias para o cinema e que este exigia uma escola específica. Muito pouca gente aderia a esta ideia. Toda a gente defendia a teatralização do cinema, o Teatro de Arte de Moscovo era a referência absoluta. O mais difícil foi demonstrar que os novos atores, treinados especificamente para trabalhar no cinema, eram muito melhores do que as vedetas vindas do teatro psicológico. A nossa primeira experiência foi reconhecida como um êxito"*.

O filme (*"ao qual não devem faltar private jokes"*, na opinião de Georges Sadoul, que conhecia bem o cinema e os cineastas soviéticos) é, por conseguinte, uma demonstração prática de uma concepção do cinema, mais precisamente do que deveria ser o trabalho do actor no cinema. Um trabalho em relação ao qual Kulechov tem uma atitude eminentemente modernista, em tudo oposta à grandiloquência do século XIX que reinava no cinema de muitos países (basta pensar em Abel Gance ou mesmo em Griffith), pois a sua sátira vai apoiar-se em géneros "plebeus", como o circo, os *serials*, o cinema burlesco americano e uma lembrança do *western*, os romances de detetives, os espectáculos de *music hall*, quem sabe a banda desenhada (veja-se o ar do *cowboy*). Neste sentido, **Mr. West** é próximo das concepções da F.E.K.S (Fábrica do Actor Excêntrico), o grupo de Leninegrado a que pertenciam Kozintsev e Sergei Youtkevich, que evidentemente admirava o cinema burlesco americano, o que vem lembrar-nos a riqueza do cinema soviético mudo, pois as diferenças entre estes filmes e os de Eisenstein, Vertov e Dovjenko, por sua vez diferentíssimos entre si, são óbvias. Como em qualquer filme burlesco, o trabalho dos actores em **Mr. West** é eminentemente físico: agilidade do *cowboy* (incarnado por Boris Barnet, futuro grande realizador), cara alvar de Mr. West, eternamente ultrapassado pelas situações (parece evidente que Kulechov pensou em Harold Lloyd, não por acaso uma vedeta cómica), agilidade facial e corpo à Olívia Palito de Aleksandra Kholklova, gesticulação precisa e proezas com a barriga de um dos bandidos (outro futuro grande realizador, Vsevolod Pudovkine). Não faltam perseguições, lutas estilizadas, breves acrobacias. Todos os gestos são absolutamente precisos, o que está em perfeita harmonia com os demais elementos do filme: despojamento dos cenários, simetrias visuais (a começar pelos dois carros idênticos com matrículas 999 e 666), precisão extraordinária da câmara. A ideia de fazer um *pastiche* de um certo cinema americano num filme que satiriza os clichés americanos sobre a realidade soviética é pura e simplesmente brilhante – num jogo de espelhos, um cliché reflete o outro – tanto mais que nada é veemente ou demonstrativo. Em 1924, ainda estávamos no período da festa revolucionária na União Soviética, longe do moralismo e da petrificação que viriam mais tarde. **Mr. West** não se situa nas mesmas alturas que a obra-prima que Lev Kulechov realizaria a seguir – **Lutch Smerti** / **O Raio da Morte** (1925) – mas a pureza formal dos dois filmes é a mesma: como em todas as vanguardas, há neles a busca de uma essência cinematográfica, que Lev Kulechov alcança com a máxima inteligência e muito talento.

Antonio Rodrigues